

Dioxinas estragaram o apetite natalino pela carne suína irlandesa¹

Pedro Eduardo de Felício²

Padraig Walshe deve ser um bom sujeito, simpático aparece sorrindo na foto que saiu nos jornais (11/12/2008), admitindo que a sua situação é “desconfortável” e que os brasileiros podiam estar rindo dele. O governo irlandês anunciara dias antes que uma parte da carne suína comercializada desde o início de setembro estava contaminada com dioxinas e determinara um recall do que ainda restasse nos estoques congelados para o Natal e nos displays dos supermercados, na Irlanda, em mais 13 países membros da União Européia (EU), e em nove outros, a exemplo do Japão, Rússia, China, EUA, e Canadá.

As dioxinas são substâncias químicas das mais cancerígenas; são geradas em siderúrgicas, incineradores de lixo, aterros, incêndios e queimadas. Foram banidas em 1979, e têm sido monitoradas e combatidas pelos órgãos de saúde e ambientais do mundo todo. A contaminação da carne irlandesa, em níveis de até 200 vezes o limite aceitável, foi confirmada no dia 6/12, quando circulou a informação de que nove fazendas de suínos e 45 de bovinos (10 mil cabeças de gado) tinham adquirido a ração fabricada com sobras de alimentos, que foram desidratadas em secadores utilizando ilegalmente combustível impróprio para tal finalidade. A carne bovina também foi contaminada, mas a gravidade do fato foi minimizada pelas autoridades irlandesas e da UE.

Mr. Walshe estava lá defendendo os interesses dos suinocultores ao longo da semana em que as empresas frigoríficas deixaram de abater cerca de 60 mil porcos, e dispensaram 2000 empregados para pressionar o governo e a UE a liberar verbas compensatórias dos prejuízos estimados em um milhão de euros por dia entre os criadores e um total de €125 milhões nas indústrias.

Para quem não se lembra de Mr. Walshe, ele é presidente da IFA, a associação de fazendeiros da Irlanda. Foi quem liderou a campanha de difamação que culminou com o embargo da carne do Brasil pela UE, no final de janeiro de 2008, que só não acarretou prejuízos à economia do setor, no decorrer do ano, porque a demanda e os preços no mercado internacional estavam em alta, mas irá prejudicar muito daqui por diante se a recessão continuar afetando fortemente os países que se tornaram grandes importadores da carne brasileira.

¹ Artigo publicado na Revista ABCZ, Uberaba, MG, n.48 (jan./fev.), p.56. 2009.

² Médico veterinário, professor titular da Faculdade de Engenharia de Alimentos, da UNICAMP.

Sozinho ele não teria conseguido tal proeza, mas teve bons colaboradores que prepararam tudo nas duas viagens em que visitaram fazendas brasileiras. Depois, convenceram o Parlamento Europeu de que havia problemas com documentos do SISBOV. Mas o que são esses problemas diante das dioxinas na carne suína da Irlanda, que não tinha sequer uma rastreabilidade que permitisse um recall parcial dirigido ao alimento contaminado?

Num mundo tão globalizado como o atual, uma contaminação se alastra rapidamente, atingindo populações próximas e até muito distantes. O príon britânico do mal da vaca louca foi causar doença no Japão, enquanto a virose da língua azul dos ruminantes, da África, tomou de assalto a Europa, e a melamina (substância nefrotóxica usada na fabricação de plásticos e cola) da China tem sido exportada em derivados de leite para o ocidente. A própria dioxina, da Irlanda, pode ter atingido 22 países, entre os quais os EUA e o Canadá. No entanto, apesar de uma ou outra reclamação, e algumas devoluções, não há nada de grave no histórico da indústria brasileira de carnes.

O fato é que neste campo em que se entrelaçam questões de sanidade agropecuária, segurança do alimento e saúde do consumidor, a melhor defesa não é o ataque aos competidores internacionais, mas sim a cooperação técnica entre as nações visando à profilaxia, porque nenhum país é completamente imune a doenças e contaminações.

Unidos na defesa sanitária, todos teremos rebanhos mais saudáveis; na competição comercial, que vençam os mais competentes. Mr. Walshe deve saber disso, mas tem que representar seus liderados para se manter no cargo.